10279

03a 0059 - 50 (02)

REY
CLi 0339
Sist. 50300

03 de Agosto de 1950

MEIO DE SEMANA

Escrever poesia é captar certos momentos fugitivos. Pelo menos na poesia moderna, o que se vê é isso, a luta do poeta pela expressão adequada ao que sentiu no instante mágico. O vento que passa repentino. A voz inesperada da fonte, agora. Qualquer coisa que despertou a recordação adormecida há tantos anos, a mesma hora da infância que volta de longe, vibra um momento, de novo escorre e se dissipa não se sabe onde. Isso tudo é o material da poesia. Difícil às vezes surpreendê-lo, apanhá-lo e prendê-lo entre as grades das letras escritas que a mão, tão distante da clarividência, vai traçando sob a pressão inconstante do minuto de comunicação que passa num relâmpago como o vôo mal adivinhado de um anjo cotidiano, lampejo que nem as pupilas dos pássaros conseguem fixar.

Valéry escreveu que a poesia consiste no uso da língua de uma nação em algumas aplicações perfeitas. Às vezes deve ser um pouquinho mais de sífilis que faz de um cidadão cauteloso um grande poeta. E acontece com a poesia moderna que, sentindo o momento mágico, nem sempre é possível comunicá-lo aos outros. Então vem à tona o hermetismo, e o poema fica sendo só para os raros. Em geral, os próprios raros não o entendem. Mas isso já é uma outra história.

Cassiano Ricardo acaba de aparecer nas páginas de *A Face Perdida*. E sua presença vem dizer não raro a técnica, um artesanato bem apurado, a capacidade de trabalhar o material da poesia, quando a serviço de um talento como o de Cassiano, podem realizar esse maravilhoso equilíbrio no qual flutua, leve e palpitante como o brilho de um vôo, a poesia moderna que não é só para os raros, mas contém em si um poder de comunicação que a torna universal. O poeta sente, escreve, passa a limpo naturalmente; seu trabalho vem para o livro em letra de fôrma e nós em seguida já estamos sentindo a mesma coisa que ele

REY
CLI 0339
SIST. 59 390

sentiu, no seu mundo que nos parece familiar, tão nossas, de cada instante, são as coisas que ele diz nos seus poemas porque sabe captar o momento e dar expressão aos detalhes mais difíceis dessas visitas de fantasmas.

A Face Perdida é também uma quase insensível recuperação no tempo. Pelo menos foi o que senti em certos locais de seus caminhos, tão diferentes entre si, levando todos ao mesmo espírito criador, que se recorda por vezes de si mesmo, de outras épocas, do encontro com as próprias sombras, que foi deixando através de tantas horas da vida. A presença de uma dolorosa, mas quase imperceptível evocação, um querer fugir e ao mesmo tempo procurar o que ficou sepultado, e não era nada, e talvez fosse quase tudo.

Quem pode dar expressão ao quase inexprimível, e por isso comunicar aos outros a riqueza de seu universo interior, não poderá fugir aos adjetivos que habitualmente são gastos com tanta impropriedade, a ponto de não poderem ser suportados depois, por quem legitimamente teria o direito de merecê-los. Porque o poeta é dos maiores.